

## Margem de segurança

*Nirlei Maria Oliveira*

Aquilo me encantava, a força bruta que tudo levava. Era estranho ver um fio de água que mudava, abruptamente. Transbordava, ficava temperamental e traiçoeiro.

Eu perdia a noção do tempo. Esquecia os brinquedos e a irmã. Olhava hipnotizado o espetáculo e ouvia com prazer o barulho estrondoso das águas. Fitava, admirado, os redemoinhos e seus volteios.

Entre os galhos engolidos pelas águas, vi uma blusa vermelha no meio de tudo – minha irmã debatia-se. O suor tomou meu corpo, o coração quase parou. Pulei no rio, briguei com as forças da correnteza. Desesperado, consegui puxá-la até a margem. Abracei-a com força e ficamos em silêncio. Estávamos exauridos.



## Carta

*Nirlei Maria Oliveira*

Querida Alejandra,

Escrevo-lhe emocionada com a leitura de suas cartas. Como são densas e impactantes as declarações. Fiquei dias a pensar na fundura da dor em nossos corpos e mentes. Suas palavras ficaram batendo de maneira insistente, como janelas ao vento em minha memória.

*“Trei embora e não saberei voltar. Mais ainda, não saberei, sequer, que há um ‘saber voltar’. Quem sabe nem queira.”*

Demorei para assimilar todas as emoções expressas nas missivas: as angústias dilacerantes, medos e, ao mesmo tempo, coragem, voracidade imensa por viver com a sua *“esperança absurda”*. Minhas lágrimas juntam-se às chuvas intensas de janeiro a cada linha que leio e releio. Não tem fim. Choro por tudo.

Diante de suas dores, sinto-me leviana em contar algo sobre mim; tudo parece pequeno, banal e fútil. Estou com 61 anos e em crise sobre tudo. Vivo a fase de entender o tudo que isso significa. Você diz:

*“Fiz anos  
e sonhei que me diziam: ‘o tempo passa’. Mas não acredito”.*

Eu também não acredito, minha querida. Vivo um tempo indefinido em minha cabeça. Às vezes, penso que transito entre a infância, a adolescência e a vida adulta. Velhice, apenas no corpo. A mente passeia por idades e dias primeiros com o vigor da juventude.

Estes dias estive a pensar sobre os traumas da infância, e o quanto a dor se esvai ao longo do tempo. Recordo-me de um passeio rotineiro com meu irmão para ver o rio no fundo da nossa casa. Era dia de enchente. Aquilo me fascinou. Parecia magia ouvir o barulho e ver o movimento serpenteante das águas.



Achei que pudesse caminhar sobre aquele turbilhão como em um tobogã. Entrei calmamente, primeiro no raso. Me sentia segura e devagar fui adentrando. Vupt! Em segundos fui tragada por um redemoinho. Algo puxava-me para o fundo. Em desespero insano, eu debatia-me com a correnteza. Precisava voltar à tona.

Minhas forças esvaíam-se; eu desfalecia. Sentia que alguém me puxava com força pelos cabelos e me arrastava para a margem. Demorei para acalmar-me. Entre lágrimas e susto fiquei por um longo tempo abraçada ao meu irmão. Ele me salvou!

Apesar do desespero vivido naquele dia, continuo entrando em águas turbulentas. E o pior de tudo, não sei nadar. Preciso aprender a lidar com as correntezas da vida. Quem sabe algum dia...

A vida segue imprecisa por aqui: cuidado das orquídeas e dos alecrins. Leio vários livros, de modo simultâneo. Escrevo um poema ou uma prosa, por acaso – nenhum me agrada. Jogo no lixo. Na semana passada fiz uma cirurgia de catarata no olho direito, e isso deu-me ainda mais a dimensão da velhice. Olho pela janela e vejo que a chuva perdura.

Em breve escreverei novamente. Sei que não lerá as cartas. Assim, fico mais tranquila para contar sobre mim.

Com carinho e admiração,

Nirlei Maria Oliveira

Texto em itálico extraído de: PIZARNIK, Alejandra; OSTROV, León. *Cartas*. Tradução livre de Paloma Vidal.



sempre me deleito com as margens fugidias

*Nirlei Maria Oliveira*



sempre é véspera de correntezas  
em riachos mansos

tudo  
pode mudar  
de lugar  
instantânea(mente)

hoje  
não quero falar de naufrágios



enchentes

ou

vazantes

basta de tudo isso!

a dor

(existiu, é fato)

perdeu-se nas brumas do tempo

suavizou-se

mudou

a

cor

escrevo-lhe sobre o rio

da minha infância,

unicamente

o

rio

transbordamos

às vezes

o rio

e

eu

(acalma-me a brancura dos peixes comprados na feira de rua sobre a mesa da sala de estar)

